

O CRENTE

Rogério Cericatto



O CRENTE

Rogério Cericatto

Capa: Naasom A. Sousa

Foto: THOUSANDIMAGES.COM

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através do site Letras Santas, com autorização do Autor. A reprodução no todo ou em parte deste livro, por qualquer meio, só será permitida desde que seja mantidos sua forma original ou seu contexto original, preservando assim, os direitos autorais do autor e permitindo o entendimento principal ao qual o livro foi escrito.

O Autor gostaria de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro: **rogerio.cericatto@bol.com.br**. O Letras Santas gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **letrassantas@bol.com.br** ou **naasom@bol.com.br**. Estamos à espera do seu e-mail.

Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça à Lei de Direitos Autorais, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: **letrassantas@bol.com.br** para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.letrassantas.hpg.com.br

*Dan, este livro é para você. Sua edificação e
para o ministério que Deus tem para sua vida.*

“E já está posto o machado á raiz das árvores; toda árvore, pois que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo”.

Mat. 3:10

I

A música tocava alta. A densa neblina provocada pelo gelo seco mal permitia enxergar um palmo diante no nariz. Os flashes coloridos eram os únicos que conseguiam atravessá-la.

Wellington mal conseguia ouvir o que Kelly falava.

— Vou sentar um pouco! – gritou ele.

Nunca saberá o que ela entendeu.

Caminhou até a mesa deixando-a na pista de dança.

Olhou para o relógio para certificar-se que já era muito tarde. 3:15h o relógio confirmou.

O som techno estava alto e havia muita gente.

Por um segundo voltou aquele pensamento incriminador dizendo que ele não deveria estar ali.

Sentou-se na cadeira, aproveitou que o garçom estava passando para beber alguma coisa. A bandeja estava cheia e ele pegou uma “marguerita”.

Kelly ficou na pista de dança por mais duas músicas e depois veio sentar-se com ele.

— Precisamos ir embora. – disse Wellington assim que ela sentou-se.

Ela concordou e ambos pegaram suas coisas.

Lá fora o frio ainda era forte. As ruas estavam vazias. Wellington caminhou até um orelhão e chamou um táxi.

Meia hora depois já estava em casa.

Kelly continuou no táxi até a casa dela.

Wellington abriu a porta, tudo estava quieto e silencioso.

“Você não devia ter ido lá”. Novamente o pensamento apoderou da sua cabeça.

— Chega! – disse ele baixinho.

Procurou sua cama. Ela estava lá esperando ele. Deitou-se. Não demorou muito para dormir. A luz continuou acesa.

II

Wellington levantou-se às 15:00h. Sua cabeça doía muito. Parecia que alguém havia martelado ela a noite toda.

Foi ao banheiro e encontrou no caminho.

— Vai à igreja comigo? – perguntou ela.

— Não. – respondeu voltando para o quarto.

Sua mãe continuou a observá-lo. Já faziam mais de dois meses que Wellington não aparecia na Igreja. Desde que conheceu a Kelly nunca mais foi o mesmo.

Wellington sempre foi criado em um lar cristão e para ser um autêntico cristão, as coisas estavam indo bem, mas ele foi a uma festa do colégio, certa vez, e conheceu Kelly. Começaram a namorar e Wellington esqueceu a igreja.

Ninguém acreditava nisso. Wellington sempre foi um garoto bem participativo. Era do grupo de Teatro e sempre freqüentou a Escola Bíblica.

No começo do namoro até continuou indo. Mas Kelly era de outra religião e levantar pela manhã no domingo para ir à Igreja não era do seu feitio.

Em pouco tempo ele já não tinha mais ânimo para levantar e ir sozinho.

Os amigos da igreja notaram a sua falta, foram em sua casa chamá-lo várias vezes, mas ele não queria ir.

Saía sempre com Kelly e aos poucos começou a chegar tarde em casa. Estas chegadas começaram a aumentar e Wellington não se importava mais com a Escola Bíblica e nem com mais nada da Igreja.

Seu pai não gostava nada desta idéia. Cobrou dele isso. Mas Wellington não estava a fim de discutir. Estava conhecendo uma vida que nunca havia conhecido, mas que sempre desejou conhecer. Então tudo era dez.

Kelly era muito linda e sensual. Estar com ela era melhor do que muitos e muitos cultos, e Wellington não iria trocar a Kelly pelo banco da Igreja.

Contudo, estes pensamentos de que tudo estava errado não saíam de sua cabeça. Eles iam e vinham, sempre lembrando-o de que algo estava errado.

Wellington não sabia o que fazer, quando estes pensamentos apareciam, ele lembrava de Kelly e aos poucos os pensamentos iam passando.

III

Tomou o café e ligou para ela.

Kelly havia acabado de acordar também.

Combinaram de se encontrar mais à tarde. Welington estava de férias. Um bom tempo para namorar.

Como haviam combinado, se encontraram no Bepe e comeram uma pizza. Kelly disse que queria comprar umas roupas novas e combinaram de fazer isso no Sábado.

— No Sábado não vai dar. Tenho que ir à Igreja. – disse ele. — Igreja? – ela olhou-o incrédula.

— É, minha mãe não para de me perguntar: Quando é que você vai à Igreja? Quando é que você vai à Igreja? E eu preciso aparecer por lá.

— Mas e eu?

— Vai comigo.

— Ah, não! Nem pensar!

— Por que?

— Sabe que eu não gosto da sua Igreja.

Welington sabia muito bem o que Kelly pensava a respeito da sua igreja. Ela já havia sido motivo para muita briga entre eles.

— Então vamos fazer assim: Eu vou à igreja e você vai comprar as roupas, você sabe que eu não tenho paciência para ficar esperando você provar um monte de roupas e não levar nenhuma.

— Então tá. Quando a gente vai comprar roupas é bom mesmo não levar homens!

— Nada a ver!

— Tudo a ver! Vocês só incomodam!

Os dois riram.

Terminaram a pizza e Welington levou Kelly para casa.

Em seguida foi para a sua. Pensou em ter que ir à igreja novamente. Não queria, mas tinha de ir. Teria que encarar os olhos curiosos dos outros jovens, pois fazia um bom tempo que não aparecia por lá e isso era muito chato. Aquele bando de crentes invejosos!

Voltou para casa. Sua mãe já havia chegado. E assim que ele se sentou à mesa para conversar um pouco ela já despejou todo o sermão do Pastor.

— Hoje o Pastor falou sobre o oceano do Espírito Santo. Ele disse que precisamos nos afundar cada vez mais...

Welington tentou tranca o cérebro para não ficar ouvindo mais nada. Tentava desconversar e mudar a rota da conversa, mas sua mãe insistia:

— ...e não podemos abandonar Deus de forma nenhuma.

— Mas quem disse que eu abandonei Deus? – questionou ele.

— Eu não vejo você nem fazendo oração mais!

— Isso não quer dizer nada. Eu faço orações todos os dias. Só não fico falando alto para que até os vizinhos ouçam. – mentiu.

— Tudo bem, mas e o Teatro?

— Ah, tinha que tocar neste assunto novamente.

— Todo mundo pergunta de você. Querem saber porque você abandonou tudo.

— Eu não abandonei. Estou apenas cansado. Não estou de férias? Então. Quero aproveitar e descansar bastante. E estou cansado do Teatro.

— Mas é um ministério abençoado!

— Eu sei, mas quero ajudar Deus de outra forma.

— Que forma?

— Não sei ainda. Mas não quero mais fazer Teatro.

Sua mãe voltou para os afazeres. Tentando digerir o que ele falava. Mas a verdade é que não conseguia entender como o seu filho, um rapaz tão crente, abandonasse tudo desta forma.

— E a Kelly? – perguntou ela.

— O que é que tem?

— Por que você não a leva para a Igreja?

Welington sentiu-se encurralado.

— Mas ela vai.

— É? Quando?

— Sábado. – mentiu novamente. Kelly iria fazer compras, conforme eles haviam combinado, mas ele pensou que se dissesse isto sua mãe não iria lhe perguntar mais e na última hora ele anunciaria a mudança dos planos.

— Filho, você sabe que eu gosto dela, mas ela não é crente. Ela não é como você. Você tem que levar ela para a Igreja ou ela vai lhe levar para o Mundo.

— Eu sei, mãe.

Welington se levantou e foi para a sala. Ligou a televisão e ficou assistindo um filme que passava.

Sua mãe continuou nos afazeres, orando para que ele voltasse para os braços de Jesus o mais rápido possível.

IV

A semana acabou. E como havia prometido, Wellington foi para o culto.

Entrou e sentou-se no seu lugar de costume. No fundo.

Aos poucos, os conhecidos vieram lhe cumprimentar. E perguntar a mesma coisa:

— Por que você está tão sumido?

E Wellington respondia a mesma coisa.

— Sumido nada! É que estou sem tempo!

“Idiotas” pensou, só sabem perguntar isso! Por que vocês não vão cuidar da sua vida?

Bem, o culto começou e Wellington cantou as músicas com os outros. Aos poucos foi ficando mais à vontade e até reconheceu que estava errando em deixar Deus.

Quando o período de louvor acabou. Estava orando.

— Senhor, peço-lhe perdão pelo pecados que eu cometi. Ajuda-me, Senhor, pois bem sabes que eu gosto da Kelly, mas não tem sido fácil trazê-la para Sua casa. Sei que não posso lhe deixar, então Senhor, fica comigo, mesmo que eu me esqueça de Ti.

Quando terminou este período de oração. Wellington sentou-se. O Pastor assumiu o seu lugar no púlpito e começou a pregar.

Falou sobre amor, sobre o grande amor de Deus e Wellington reconheceu que ali era o seu lugar, não no mundo onde estava andando. Precisava de Deus e precisava fazer um concerto com Deus. Tinha que voltar para a Igreja. Sua natureza dizia que ele não devia viver com o mundo, nem com as coisas pecaminosas que o mundo oferecia a ele, mas sim na casa de Deus, junto com os outros membros.

Tinha que voltar para casa. Não havia outro lugar no mundo onde ele sentia tanta paz.

O culto terminou e Wellington ficou triste por isso. Voltou para casa, animado e feliz.

— Não posso mais ficar faltando tanto assim na Igreja. – disse para seu pai.

— Claro que não. Nós temos que ir aos cultos. Sabe que é a única forma de edificação.

— É. Vou falar com o Ricardo e voltar a ajudar o pessoal de Teatro.

Seus pais ficaram alegres com esta afirmação. Welington havia voltado afinal para os braços de Deus e isso era muito importante.

V

— Não, Welington. Sabe que eu não gosto de ir lá!

— Kelly, mas vai ser bom. E eu estou de volta ao grupo de Teatro.

— Ué, vai você.

— Não, Kelly. Sabe que não é assim. Eu gosto de você e é uma forma de agradarmos Deus juntos.

— Welington, eu agrado a Deus. Vou às missas e...

— É diferente! Você sabe que é diferente.

— Não vou ficar discutindo com você! Esta é a minha última palavra.

— Mas por que?

— Eu não gosto.

Welington sabia que convencer Kelly era quase impossível. Mas continuou insistindo.

— Tá e você vai fazer o que Sábado, então?

— Não sei. Neste próximo Sábado tem uma festa na casa da Gisele, e eu já falei para ela que iria.

— E você vai sem mim?

— Eu já falei que ia.

— Tá, e eu?

— Bem, vai à Igreja e depois vamos para a Festa.

Welington pensou. Tudo bem, ele estaria fazendo a parte dele indo ao culto.

— Tudo bem. A que horas nos encontramos?

— Lá pelas dez.

— Te pego em casa?

— Sim.

Continuaram o almoço. Welington estava um pouco chateado. Queria levar Kelly para o culto, mas ela tinha um pensamento muito ruim a respeito dos crentes. Tudo por que uma vez veio um homem em sua casa e se dizia ser crente. Começou a falar um monte de coisas e inventar um monte de histórias dizia que Deus estava falando tudo para ele.

Semanas depois ela ficou sabendo que este mesmo homem havia sido preso por estupro.

Crentes não entravam mais na casa dela. Lógico, havia a exceção de Welington, por que todos na casa dela gostavam dele. Mas desde que ele não tocasse em religião.

Bem, chegaram a um acordo.

Durante a semana se encontraram todos os dias. E a cada encontro o amor entre os dois ficava maior.

Comprou um pequeno presente para Kelly e foi levar na casa dela. Pelo caminho encontrou dois rapazes que eram Hare Krishnas e um deles o abordou.

— Você, meu jovem. Já encontrou a paz consigo mesmo?

Welington sorriu. Seria uma boa oportunidade para defrontar de frente este jovem.

— Sim, eu encontrei a paz verdadeira.

— Como? – indagou o jovem.

— Através de Jesus.

O jovem riu.

— Nos oferecemos mais. – entregou um livrinho para ele. — Nós oferecemos uma paz que vai fundo no seu ser.

— Mas eu já lhe disse, a verdadeira paz só existe em Jesus.

— Ih, já vi que você é daqueles... – tomou o livrinho da mão de Welington e saiu de sua frente. Abordou outro Jovem que ia passando.

Welington continuou seu caminho até a casa de Kelly. Tentando imaginar o que o jovem estaria pensando com as palavras do Hare Krishna.

— Eles vão onde você não está indo!

Welington parou para olhar a pessoa que havia dito isto. Voltou-se para o lado, mas não viu ninguém. Olhou para o outro lado e não viu ninguém também.

— Que engraçado, parecia que alguém havia falado.

Continuou seu caminho.

“Eles vão onde você não está indo!” Que engraçado, parecia que realmente alguém havia falado isso.

Welington parou.

— Meus Deus!

Ele realmente havia ouvido uma voz. Era a voz da sua consciência. Era Deus falando com ele.

Seu coração batia apressadamente.

— Eles vão onde você não está indo! – repetiu ele.

É claro. Estes Hare Krishnas estão pregando sua religião, e o que ele tinha feito pelo evangelho? Quando foi a última vez que pregou o evangelho para alguém?

Ficou parado por alguns segundos. Olhou novamente o jovem e viu que ele havia comprado o livrinho do Hare Krishna.

Aquilo lhe apertou o coração. O jovem estava vindo em sua direção. Ele precisava dizer que aquilo que ele estava carregando nas mãos era uma mentira.

O jovem estava se aproximando. Ele precisava dizer que Jesus era a verdadeira salvação, que Hare Krishna era uma mentira. Ele tinha que dizer isso!

O jovem passou por ele. Ele não abriu a boca.

VI

Wellington estava se sentindo péssimo. Chegou na casa de Kelly ela não estava. Mandou sua mãe entregar o presente e disse que tinha que ir para casa.

— Fica mais um pouquinho. A Kelly já deve estar chegando. – disse ela.

— Muito obrigado, dona Roberta, mas tenho que ir mesmo.

Despediu-se e saiu. Estava em cacos.

Ficou pensando naquele jovem. Ele teve a oportunidade de lhe pregar o evangelho. Ele teve a oportunidade de falar do amor de Jesus para ele. Mas ficou calado. Ficou com medo. Com vergonha.

Ele não se perdoava por isso.

Pegou o ônibus e foi para casa. Ficou orando pelo rapaz e pediu perdão a Deus por ter deixado esta oportunidade passar.

Quando chegou em casa, tomou um banho e foi deitar-se. Sentiu muito sono e dormiu logo.

Umás duas horas depois acordou com o som da voz de sua mãe.

— Viviane está no telefone. Ela quer falar com você.

Wellington pegou o aparelho, ainda deitado na cama.

— Alô? – falou com uma voz sonolenta.

— *Wellington?* - disse Kelly no outro lado da linha.

— Oi? Oi Kelly.

— *Oi? Obrigado pelo presente! Eu gosto muito de você, sabia?*

— Ah, de nada.

— *Você estava dormindo? Eu te acordei?*

— Não, não estava.

— *Ah, fala a verdade. Eu te acordei, né?*

— É, eu estava cochilando.

— *Ah, então volte a dormir. Agora são cinco horas, mais à noite eu vou aí.*

— Tá bom então.

— *Então, vou desligar. Muito obrigada pelo presente.*

— Ah, que isso. Eu também gosto muito de você.

— *Então até mais.*

— Até.

Wellington colocou o telefone no ganho e acomodou-se melhor na cama. Voltou a pensar no episódio de hoje. Como uma coisa assim

pode abalar tanto os seus pensamentos? Afinal, nem conhecia o rapaz. Mas o sentimento de culpa ainda batia em sua cabeça. Mas por que? Ele nem conhecia o rapaz.

Não demorou muito para voltar a dormir.

VII

A semana transcorreu normalmente. Welington aos poucos foi esquecendo este episódio. Kelly veio à semana toda em sua casa. Assistiram bastantes filmes.

Welington foi à igreja mais cedo no Sábado. Ensaiou o Teatro com os outros jovens. Assistiu o culto e depois foi na casa de Kelly. Tinham uma festa para ir.

Kelly estava linda. Seu amor por ela era ainda maior.

Foram para a casa da Gisele. Já havia bastante gente por lá.

Welington foi cumprimentando um conhecido, depois outro e assim por diante. Tomou uma “batida” depois outra e se deteve em um grupo de rapazes que estavam contando piadas bem picantes.

De repente aquela voz novamente: “Você sabe que este não é o seu lugar”.

Welington, que estava dando risada de uma piada, parou imediatamente. Ficou pensando: “Nossa, tem tanta gente nesta festa, mas nenhuma delas conhece o evangelho como eu, e todas vivem de acordo com seus desejos carnavais. Estas pessoas precisam conhecer o evangelho. Precisam de alguém para pregar para elas. Mas quem? Eu? Nem pensar! Mas se ninguém pregar, elas irão para o inferno! Oh, meu Deus, o que eu faço?”

— Welington? Quer mais uma “batida”? – perguntou Kelly.

— Hã?

— Quer mais uma “batida”?

— Não, não. Quero ir embora.

— O que?

— Quero ir para casa.

— O que?

— Vamos embora?

— Welington, você tá brincando, né?

— Não, estou falando sério.

— Mas a festa nem começou.

— Eu sei, mas estou a fim de ir para casa.

— Welington?

— Sério, Kelly, vamos embora.

— Welington, eu não estou acreditando.

— Olha, se você quiser ficar, bem, pode ficar, mas eu estou indo embora.

— Não acredito.

Wellington ficou olhando Kelly esperando que ela decidisse ir embora com ele.

— Não vou embora. – disse ela.

— Kelly?

— É verdade, Wellington. Vou para casa por que? A não ser que você me dê um bom motivo, eu vou ficar.

— Kelly. Eu não tenho nenhum motivo. Não aconteceu nada. Só que este lugar não é para mim.

— O que?

— Não estou me sentindo bem aqui.

— Ué, Por que?

— Não sei. Não estou me sentindo bem aqui.

Kelly ficou pensando por um segundo.

— Você tem certeza? – disse enfim ela.

— Tenho.

— Então vamos.

Wellington não sabia o que dizer.

— Vou me despedir então. – disse ela decepcionada.

Kelly foi se despedindo dos conhecidos, sem saber o que dizer quando era perguntada porque estava indo embora.

Wellington e Kelly saíram e seguiram para casa.

— O que aconteceu? – perguntou ela enfim.

— Não sei, Kelly. Sabe, mas de repente a festa perdeu a graça para mim. Eu não me senti bem. Sabe, o Pastor falou...

— Ah, não! Este assunto de Igreja de novo?

— Espere, deixa-me falar...

— Não, Wellington! Você não vai vir com este papo novamente, não é? Por que nós não podemos ser um casal de namorados como todos os outros?

— Mas Kelly, nós somos, é que eu não aceito algumas coisas...

— Assim não dá, Wellington! – ela estava furiosa — Você precisa escolher!

— Escolher o que?

— Ora, você precisa se decidir! Ou você fica comigo ou você vai para tua religião!

— Kelly?

— É isso mesmo! Eu estou ficando cansada disso. Eu gosto de você e sei que você gosta de mim, mas não dá para ficar te dividindo

com a Igreja. Veja só. Nem em uma festa você quis ficar. Tudo isso porque seu Pastor falou...

— Não foi nada do que o Pastor falou!

— Então por que? Por que então nós não estamos lá na festa ao invés de estar indo para casa?

— É que eu não estava me sentindo bem.

Kelly ficou olhando para Welington enquanto ele dirigia. Welington não se atreveu a olhar para ela, pois seus olhos estavam soltando faíscas.

— Welington, você tem que escolher.

— Escolher o que?

— Ou você fica comigo, ou você fica com sua Igreja. Eu não vou seguir você se você escolher a segunda opção.

— Por que Kelly?

— Eu não vou virar uma crente!

— Mas Kelly, que mal tem nisso. Eu sou crente e toda a minha família é...

— Mas eu não vou ser!

Welington novamente ficou sem palavras. Continuou dirigindo até chegar na casa de Kelly. Ela desceu e bateu a porta.

— Kelly? – disse ele saindo do carro também. — Kelly? – repetiu.

— Welington, tome sua decisão. – respondeu ela entrando para dentro de casa.

Welington ficou olhando ela entrar. Sabia que não adiantava ficar insistindo. Ela era difícil de convencer.

Voltou para o carro e seguiu para sua casa. Precisava ficar um pouco só. Tinha que conversar com Deus um pouco.

Chegou em casa, tomou um banho e foi para o quarto.

Ajoelhou e começou a orar.

— Senhor? O que está acontecendo comigo? Por que estou assim? Por que tudo isso está acontecendo comigo? Eu quero fazer a minha namoradinha feliz, mas não estou conseguindo. Por que aquela festa perdeu a graça para mim? Senhor, sei que só o Senhor pode me dar a resposta. Creio na sua misericórdia. Então Senhor, me ajuda. Ilumina meus pensamentos.

Pegou a bíblia e abriu-a.

— Senhor, seja este texto as suas palavras para mim esta noite.

Olhou o texto que estava na página onde a bíblia abriu.

Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em

casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições; e no mundo vindouro a vida eterna.

Wellington ficou olhando este texto por um bom tempo.

— Meu Deus. É isso que o Senhor quer de mim? Que eu vá e fale do seu evangelho para os homens? Que eu abra mão de tudo o que tenho para servir na sua grande obra? Se esta é a sua vontade. Senhor, eu irei fazê-la.

Continuou orando e louvando a Deus e nem reparou quando adormeceu, ainda de joelhos no chão.

VIII

No outro dia, seus joelhos doíam muito.

— Como foi que isso aconteceu?

Havia realmente dormido de joelhos. Ele nunca tinha feito isso antes. Mas tudo bem. Aproveitou e jejuou durante o dia todo.

Contou toda a história para seu pai. Este lhe aconselhou a continuar orando. Se Deus realmente queria isso dele, então ele devia pedir para Deus confirmar isso no seu coração.

Não fez nada durante o dia todo, a não ser orar e ler a Bíblia. Aproveitou uns livros que seu pai havia comprado há tempos e estudou bastante a palavra de Deus.

IX

Kelly ligou na manhã do outro dia.

— *Wellington?*

— Oi Kelly.

— *Como você está?*

— Estou bem, e você?

— *Estou bem também. O que você está fazendo?*

— Agora, agora nada. Por que?

— *Queria me encontrar com você. Quero conversar.*

— Tudo bem. Aonde?

— *Que tal no Bepe? Assim agente come uma pizza...*

— Tudo bem. Que horas?

— *Às cinco, pode ser?*

— Tudo bem. Às cinco então.

Conversaram sobre o dia. Nada mais de especial. Wellington precisava se encontrar com Kelly. Precisava dizer-lhe que Deus havia preparado uma obra para ele fazer. Ele queria ir pregar o evangelho. Tinha que contar isso para ela.

Às cinco horas Wellington chegou no Bepe. Kelly já lhe aguardava. Ela estava linda. Wellington estava realmente apaixonado por Kelly.

— Tudo bem? – disse ele.

— Tudo, e com você?

— Tudo.

Sentou-se ao lado dela.

— Já pediu alguma coisa para comer?

— Não ainda. O que você vai querer?

— Para mim pode ser uma pizza de calabresa.

— Ótimo, eu também queria uma.

Wellington chamou o garçom e pediu a pizza. Pediu um refrigerante também. Tomou um gole e esperou o garçom sair para poder falar com Kelly.

— Kelly, eu tenho que lhe contar uma coisa. Eu sei que pode parecer estranho, porque você não conhece o evangelho como eu conheço, mas eu quero que você entenda. Sabe, Deus tem um chamado para mim. Ele tem uma obra para por nas minhas mãos. Ele

quer que eu seja um evangelista, quer que eu pregue a palavra para as pessoas. Ele quer que eu seja um instrumento em suas mãos.

Kelly ouvia atentamente.

— Preciso buscar e conhecer melhor Deus para poder ser o que ele quer de mim. – continuou ele — Não posso voltar a trás, nem esconder meu rosto desta responsabilidade. Na festa, passada, eu senti que precisava falar de Jesus para aquelas pessoas, elas estavam indo para o inferno e eu preciso fazer alguma coisa por elas.

Kelly continuava ouvindo.

— Não posso deixar milhões de pessoas irem para o inferno sem que eu lhes diga algo. Sem que eu lhes fale do amor de Cristo. Vou ser um evangelista.

Wellington esperou Kelly digerir tudo o que acabara de falar.

— E o que você pretende fazer? - disse ela.

— Conhecer melhor nosso Deus.

— Não, eu digo sobre nós.

Wellington se sentiu encurralado. Kelly não havia se convertido ainda. Como eles poderiam fazer isso juntos?

— Quero que você me acompanhe... – começou ele.

— Wellington, você sabe...

— Kelly, você precisa entender. Sem Jesus nós não somos nada. Não somos ninguém. Nós precisamos pregar o evangelho...

— Wellington. Até quando você vai insistir nisso?

— Kelly, esta é a minha vida. Eu não posso fugir disso!

— Wellington, eu já lhe disse, eu não vou ser crente. E acho que você não vai aceitar isso nunca não é?

— Kelly...

— Não, Wellington. Entenda. Eu não vou ser crente.

— Mas...

— Eu já lhe disse. Você terá que escolher.

— Kelly?

— É isso mesmo, Wellington. Ou eu ou a sua igreja. E pelo visto você já fez sua escolha.

Wellington não sabia o que dizer. Ficaria com Kelly ou iria pregar o evangelho? Por que não poderia ficar com as duas coisas?

— Não. – disse ele — Eu quero as duas!

— Não, Wellington, não tem como e você sabe disso. Eu não vou ficar sacrificando meus sábados e domingos na igreja. Sou jovem e tenho que curtir a vida.

— Curtir a vida? Mas isso é que é curtir a vida!

Kelly sorriu.

— Wellington, acho melhor assim.

Wellington entendeu que ela estava falando muito sério.

— Kelly? Você vai me abandonar?

— Wellington, eu gosto muito de você, mas sou de outra religião. Não posso te acompanhar. Olha, eu não sei muito bem como dizer isso, mas será melhor para nós dois. Existem muitas pessoas ainda que precisamos conhecer e não vamos ficar um prendendo o outro.

— Kelly, eu não posso acreditar nisso.

— Tenta entender, Wellington. Eu não vou ser crente. E você não vai abrir mão disso. Então acho melhor, agente parar por aqui. Somos jovens e só fazem dois meses e meio que estamos namorando. Não tem problema. Vamos continuar amigos.

Wellington tentou lutar consigo mesmo, mas sabia que ela estava com razão. Não tinha como ele ficar com as duas. Ela insistia em dizer que nunca seria crente, e por mais que ele orasse por isso e clamasse pela vida dela, sabia que ela não iria aceitar. Infelizmente ele precisava seguir seu rumo. Precisava dela também, mas tinha que fazer a vontade de Deus.

O garçom chegou com a pizza e ambos comeram. Para ambos a pizza não tinha sabor de nada. Foi difícil descer para o estômago.

Era o fim do namoro.

X

No caminho para casa Wellington estava triste. Chegou a chorar.

— Deus, eu gosto muito da Kelly. Por que estou perdendo ela?

Não tinha resposta.

— Deus? Por que?

Nada. Nenhum som.

Ele ficou perguntando a Deus durante todo o caminho. Sentia uma tristeza imensa, mas estava confiando em Deus. Ele não estava acreditando que a estava perdendo.

Quando chegou em casa, voltou a orar a Deus para que ele tivesse uma resposta, abriu a Bíblia novamente e novamente a Bíblia caiu no mesmo versículo:

Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições; e no mundo vindouro a vida eterna.

Wellington chorou.

Tinha apenas uma certeza. Deus queria a fé dele. E ele estava depositando tudo neste versículo.

Se Deus lhe desse cem vezes mais o que ele estava perdendo, ele com certeza iria até o fim com Jesus.

— Senhor, sei que o Senhor sabe do meu amor pela Kelly, mas eu creio na sua palavra, e sei que o Senhor irá me dar cem vezes mais o que eu estou perdendo agora. Deus eu amo a Kelly e creio que um dia ela estará nos seus caminhos também. Mas Senhor, faça a sua vontade e cumpra em mim seus planos.

XI

Os dias foram passando, as férias de Welington acabaram. Mas ele continuava estudando e estudando a palavra de Deus. Quanto mais ele estudava, mais vontade sentia de conhecer o Criador.

Mais e mais ele ia notando como seu Deus era grande e mais e mais ele entendia o quanto ele era pequeno.

— Deus, sem ti eu não sou nada. Preciso de ti Senhor, pois sozinho não sou ninguém!

Durante todo este tempo ele se lembrava da Kelly. Sentia sua falta e orava por ela. Sabia que ela continuava indo às festas de fim de semana, mas mesmo assim não perdia esperança nas promessas de Deus.

Voltou ao Teatro e apresentou duas peças para cultos de missões. Conheceu num destes cultos Giovanne que como ele, estava buscando a face de Deus.

Giovanne lhe apresentou Pedro e os três se reuniam na casa de Giovanne para discutir e estudar a palavra.

Aos poucos, apesar de não estar com Kelly, Welington começava a adquirir novamente confiança e alegria. Juntos os três estudavam bastante.

Welington começou a dar aulas na Escola Bíblica para crianças. Estava feliz assim, mas ele queria mais. Ele queria sair das limitações da Igreja e ir atrás das ovelhas desgarradas. Conversou com Giovanne e Pedro, mas ambos não estavam pensando como ele. Eles não estavam querendo abandonar o aconchego e a segurança da Igreja. Mas aceitaram ir com ele falar com o Pastor

Welington, Giovanne e Pedro então foram falar com o Pastor.

Marcaram uma reunião na quarta-feira à noite.

Quando chegaram na igreja o Pastor já estava lhes aguardando.

— Pastor, o senhor saber que estamos estudando assiduamente a palavra de Deus, não é? – disse Welington.

— Sim eu estou sabendo – disse ele. — E tenho ouvido muitos elogios dos irmãos sobre o trabalho que vocês estão apresentando...

— Pois é, mas nós não queremos mais ficar só aqui na Igreja.

Welington disse isso, mas notou os olhares reprovadores de Pedro e Giovanne.

— Queremos ir pregar o evangelho em outros lugares também.
— continuou ele. — Nós queremos ser como Jesus e ir atrás das ovelhas perdidas.

O Pastor não queria de modo algum perder estes garotos, nem tão pouco deixar que eles saiam da igreja.

— Veja bem, Welington – disse ele — Vocês precisam pregar o evangelho, mas precisam também cumprir suas obrigações aqui na Igreja. Não é simplesmente sair para fora e gritar o nome de Jesus aos quatro cantos...

— Sabemos disso, Pastor – falou Welington — Mas queremos buscar mais pessoas para a Igreja.

— Tudo bem, mas as lutas são grandes...

— Pastor, sabemos disso tudo. Queremos que o senhor nos ajude a formar uma equipe para visitar orfanatos, hospitais e penitenciárias. Sabemos que as lutas são muitas, mas as vitórias também são.

Welington queria dizer que sozinhos eles não iriam fazer nada. Mas com um grupo de jovens eles poderiam fazer muito.

Ele começou a notar que Pedro e Giovanne não o ajudavam para argumentar para o Pastor. Será que ele não estava agindo por conta própria? Será que era isso mesmo que os outros queriam?

O Pastor propôs ajudar. Disse que iria fazer um desafio à mocidade. No próximo culto ele iria deixar uma lista de nomes para participarem da primeira visita que iriam fazer. Iriam visitar um hospital.

Assim foi feito. No primeiro culto que teve, o Pastor falou.

— Estamos fazendo uma visita para levar a palavra de Deus aos necessitados, se você quiser participar, estamos indo ao Hospital José Bonifácio para uma visita.

Welington ficou na porta com os bilhetinhos para serem preenchidos. Apenas uns poucos foram preenchidos. Mas ele não desanimou. Continuou orando para que Deus levantasse obreiros para fazer esta obra.

Não mostrou, mas estava decepcionado com a quantidade de pessoas que colaboram com esta visita. De mais que quatrocentos membros da igreja, apenas dez pessoas se propuseram a levar o evangelho aos necessitados do hospital.

— Onde está o compromisso desta Igreja? Onde estão os crentes?

Ficava se perguntando.

Não era possível que a quantidade de voluntários fossem tão pequena. Onde este povo estaria na hora em que eles fossem no

hospital? Provavelmente em suas casas e assistindo televisão. É por isso que o evangelho anda tão fraco. Não há quem pregue!

Lembrou-se dos Hare Krishnas que ele encontrou aquela vez. O sol estava forte e o dia quente, mas eles estavam lá pregando sua doutrina. E nós os crentes onde estamos?

Tentou se conformar. Melhor dez do que nenhum.

XII

Quando chegaram no hospital, foram falar com a recepção para receberem autorização.

Não demorou muito para serem informados que só poderiam entrar em grupos de cinco pessoas.

Assim formaram dois grupos de cinco pessoas e entraram. Um grupo ficou com a ala norte enquanto o outro grupo com a ala sul.

Wellington não imaginava encontrar tanta gente e com tantos problemas. Passaram em uns vinte ou trinta quartos. Oraram com os enfermos e com as famílias. Muitos estavam abandonados pela família, outros ainda podiam desfrutar da família ao seu redor, oraram com todos, distribuíram Bíblias e cantaram.

Foi um dia desgastante e gratificante.

Quando saíram do hospital já era tarde da noite. Mas estavam felizes e com o sentimento de compromisso cumprido. Haviam feito a parte deles no evangelho.

XIII

Na outra semana, novamente foram no mesmo hospital. Desta vez o grupo foi menor. Seis pessoas somente.

Wellington estava muito indignado.

— Como pode ser isso?

Ele não acreditava que menos de dois por cento dos membros da igreja apareceram.

Desta vez nem o Pastor apareceu.

Bem, foram lá e fizeram o evangelismo. Novamente o dia foi desgastante e gratificante.

Quando terminou, Wellington seguiu para casa, já era tarde da noite e ao passar por um ponto de ônibus avistou uma pessoa conhecida.

— Quer uma caroninha? – perguntou ele.

— Claro. – responde Kelly.

Ela entrou no carro.

— Como você está? – quis saber ele.

— Estou bem, e você? Onde estava?

— Estou bem. Ah, eu estava no hospital.

— No hospital? Quem está doente?

— Ninguém conhecido. É que estou fazendo um trabalho de evangelismo lá.

— É mesmo?

— É, temos um grupo e vamos lá todos os fins de semana para pregar o evangelho. Se você quiser pode ir um dia também.

— Obrigada pelo convite.

— E você? O que conta da vida?

— Estava na casa da Márcia. Estava estudando. Vamos ter prova amanhã.

— E está difícil?

— Ah, nem me fale.

Wellington e Kelly foram conversando assuntos banais. Foi bom tê-la visto outra vez. Serviu para ele se lembrar do amor que sentia por ela. E ainda sentia muito.

Continuaram a conversar em frente à casa dela por um bom tempo. Mas por fim ela se despediu e entrou.

Seguiu de carro para casa então.

Quando chegou, tomou um banho e orou novamente.

— Senhor, o Senhor tem me mostrado que o seu evangelho é a salvação de muita gente. Senhor nos ajude. Ajude nossa igreja. Levante ali pessoas realmente compromissadas com a palavra, que realmente vão onde as ovelhas desgarradas estão. Que chorem com os que choram. Pois bem sabemos que não é só de alegrias que devemos viver, mas devemos chorar também com aqueles que choram. Então, Senhor, levante homens e mulheres compromissadas ali, Senhor. Ajude-me para que sua obra continue. Em nome de Jesus.

Quando terminou esta oração. Adormeceu.

XIV

Quando o fim de semana chegou novamente. Welington foi à igreja. Chegou um pouco atrasado.

Quase teve um infarto quando viu Kelly sentada no bando de trás.

Seu coração começou a bater a mil por hora.

Ficou ansioso o culto todo para falar com ela.

Quando terminou ele foi correndo.

— Eu não acredito! – disse ele.

— Oi Welington! Tudo bem?

— Você por aqui?

— Pois é, vim outra vez.

— Veio para ficar? – perguntou ele sorrindo.

— Talvez. – disse ela sorrindo.

Welington não podia acreditar. Será que Kelly iria começar a freqüentar a igreja?

Conversaram bastante e Welington apresentou-a a todos os amigos e amigas.

Kelly se sentiu muito bem lá na igreja. E, prometeu que iria voltar.

Welington foi para casa naquela noite muito feliz. Se Kelly começasse a freqüentar a igreja seria maravilhoso.

No outro dia ele foi ao hospital novamente. O grupo havia ser reduzido novamente e agora só era ele, Pedro e Giovanne.

Os três fizeram o trabalho e pregaram a palavra para todos quanto puderam.

Welington estava triste, e quando saiu do hospital, no fim da noite. Estava ciente que muitos crentes não queriam que o evangelho fosse pregado. Por que não vieram? O Pastor havia dado novamente o recado de que hoje eles estariam no hospital. Estavam todos sabendo! Mas ninguém apareceu.

Welington voltou para casa.

Ajoelhou e chorou.

— Senhor, por que seu povo está tão distante dos seus mandamentos? Por que ninguém vai até os necessitados? Até quando esta Igreja estará morta?

O que indignava Welington era o fato de ele ver os crentes da igreja se reunirem nos fins de noite para irem juntos nas pizzarias e em festinhas, mas nunca se reuniam para pregar o evangelho. Por que eles faziam isso? Por que ninguém se preocupa em pregar o evangelho? Ficam fazendo intrigas entre eles e disseminando inveja. Por que perder tanto tempo com festas e com encontros? Por que não fazer o que é óbvio? Pregando a palavra!

Ele chorava, pois sabia que sua igreja estava fria e morta. Eram poucos os que tinham um compromisso com o evangelho.

Começou a ficar preocupado.

XV

No outro dia, acordou com uma idéia nova. Ligou para Pedro e para Giovanne e combinou de irem no presídio pregar o evangelho para os presos. Já fazia um bom tempo que estavam pregando no hospital. E esta nova idéia talvez fosse o ânimo que estava lhe faltando e faltando para os outros.

“Estive preso e não viestes me visitar”.

Este texto estava martelando sua cabeça ele tinha que ir pregar para os presos também.

Combinaram de ir os três. Às três horas da tarde.

Aconteceu que esfriou muito e uma chuva forte começou a cair.

Wellington chegou no lugar indicado às três e quinze, ou seja, quinze minutos atrasado, mas não viu nenhum sinal dos outros. Avistou um orelhão e ligou para Giovanne. Este estava em casa e disse que não tinha como ir. Ligou para Pedro e ele também não poderia ir porque estava com visita.

Wellington desistiu da idéia de ir ao presídio e caminhou para casa, mas no meio do caminho veio aquela voz novamente:

“Você precisa deles para ir pregar o evangelho?”

Isso foi como uma seta no seu coração. Wellington parou e ficou pensando. Volto ou não para casa? Estava no meio do caminho. O frio e a chuva não iriam parar de jeito nenhum, mas ele estava sozinho. E o que poderia ele fazer?

XVI

Decidiu ir assim mesmo para o presídio.

Caminhou até o ponto de ônibus continuou seguindo o seu rumo.

Chegou no presídio.

Um guarda veio lhe atender.

— Pois não, senhor?

— Vim fazer uma visita aos presos. Vim pregar o evangelho! – disse.

O guarda o mediu de cima a baixo e deixou-o entrar.

Ele não estava acreditando nesta história de evangelho e pediu para Wellington ir até a sala de revista.

Wellington entrou em uma pequena sala de dois metros por dois.

Dois policiais entraram e começaram a revistá-lo. Wellington sentiu uma humilhação profunda.

— O que eu estou fazendo aqui? – pensou. — Por que tenho que passar por esta humilhação?

Pelo canto do olho ele pode ver pessoas trabalhando no presídio, indiferentes a sua situação, pois já estavam acostumados a verem outras pessoas sendo revistadas. Mas para ele aquilo era o fim.

Já chega, vou embora! Pensou. *Não vou ficar aqui sozinho!*

Os policiais acabaram de fazer a revista.

— Você veio fazer o que aqui mesmo? – perguntou um deles.

— Vim pregar o evangelho. – respondeu meio contra-gosto.

— Por que? – indagou o polícia

— Por que aqui existem muitas pessoas que precisam ouvir o evangelho! – Wellington encontrou ânimo e decidiu continuar.

O policial sorriu e indicou o caminho que ele deveria entrar.

Passou por um pequeno corredor. Abriu uma porta e ele entrou. Após isso a porta que ficou atrás dele fechou-se. Ele caminhou mais um pouco e uma outra porta se abriu, entrou e o processo se repetiu.

Depois seguiu para um labirinto de corredores e vielas até chegar no alojamento onde os presos estavam.

Subiu dois degraus e estava novamente em outro corredor.

Passou por uma porta, mal pode ver quem estava lá dentro, pois estava tudo escuro. Continuou a caminhar e chegou em outra porta o número da cela era 303.

— A paz do nosso Senhor Jesus! Boa tarde, irmãos! Posso me chegar até vocês?

Houve um silêncio. Dentro da cela quatro homens mal encarados fitaram-no com curiosidade.

— Por que? – perguntou um deles.

— Gostaria de falar do amor de Jesus para vocês!

Eles se entreolharam.

— Pode entrar. – respondeu outro.

Wellington entrou na cela. Como ainda era o horário de visitas, o corredor principal era aberto para os presos receberem seus parentes e amigos.

Assim Wellington se misturou no meio deles.

Wellington entrou e lhe indicaram uma cadeira para ele sentar. Sentou e abriu sua Bíblia.

— Posso fazer uma oração antes de começar?

Um dos presos, com a cabeça, fez sinal que sim.

— Senhor... – disse Wellington — Quero lhe entregar esta palavra que agora o Senhor irá permitir que eu fale para estes irmãos. O Senhor conhece todos os nosso pensamentos e nossas atitudes, então, Senhor, peço que o Senhor venha falar aos nossos corações para que venhamos conhecer do Seu Evangelho, e, Sua face.

Quando Wellington abriu os olhos. Os presos continuaram a fitá-lo curiosos.

Wellington fez uma pergunta:

— Qual é a religião de vocês?

— Eu sou crente! – disse um deles rindo.

— Eu também! – disse o outro.

— Eu também! – disse o terceiro e depois o quarto.

— Bem, se todos somos crentes, vai ser fácil o nosso diálogo.

Todos riram.

Um dos presos, o que parecia ser o mais forte deles foi o primeiro a falar.

— Rapaz, eu sou Umbandista e os demais aqui são católicos.

Wellington não se deixou abalar.

— Ótimo, mas eu queria chegar na seguinte questão: Todos vocês conhecem um cara chamado Jesus não conhecem?

Eles concordaram.

— Eu queria lhes dizer que Jesus está aqui hoje. Ele veio comigo.

— Por que ele não entrou aqui?

— Claro que entrou! – respondeu Wellington — Ele está aqui agora!

Wellington foi falando para os presos e respondendo todas as dúvidas deles sobre Jesus, sua pessoa e sua obra.

Ficou naquela cela por duras quatro horas falando e explicando para eles que Jesus seria capaz de perdoar todos os seus pecados. E se eles se arrependessem, Jesus poderia transformar suas vidas.

Durante este período os presos deram muitas risadas e fizeram muitas piadas do que ele dizia.

No fim das quatro horas, Wellington achou que tudo o que ele havia conversado com os presos tinha entrado por um ouvido e saído para o outro.

Como estava ficando tarde, agradeceu a atenção dos presos e despediu-se deles.

Quando ele saiu da cela a caminho da portaria do presídio ele ainda ouvia algumas brincadeiras:

— Jesus está voltando, pastorzinho! Não esqueça de pedir para ele passar aqui!

Wellington não se deixou abalar, e continuou sorrindo com eles. Sabia que não seria da noite para o dia que os presos iriam aceitar o que ele estava dizendo. Teria que trabalhar por um bom tempo naquela penitenciária se quisesse que aqueles presos entregassem suas vidas na mão de Deus. Ele não iria desistir.

Quando ele chegou na rua, sentiu novamente o frio e a chuva.

Caminhou até o ponto de ônibus, mas não viu quando passava ao lado de uma poça de água.

Um carro passou em alta velocidade e lhe deu um banho!

Encharcou sua roupa.

— E este é o pagamento por eu ter pregado o evangelho! – sorriu para si mesmo.

O ônibus chegou e ele entrou.

Todos os olhares se voltaram para aquele rapaz com uma Bíblia e todo molhado.

Wellington sentou-se na primeira cadeira que encontrou.

Chegou em casa, tomou um banho e contou todo o episódio para seu pai.

Seu pai se compadeceu dele e reconfortou-o com palavra de apoio. Ele estava orgulhoso do filho, que mesmo sozinho não desistiu de ir pregar o evangelho.

Kelly ligou. Disse que estava indo para a casa de Wellington.

Ela chegou e ele contou para ela tudo o que havia passado durante o dia. Kelly sorriu e pediu para ele orar por ela.

Wellington estava feliz. Kelly estava reconhecendo que Jesus era o único salvador de sua vida e estava se entregando a ele.

Deus estava lhe cumprindo a promessa. Logo-logo ele iria ver Kelly nos braços do Senhor.

— Welington, eu queria que você continuasse a orar por nós. – disse ela.

— Por nós?

— É, se você ainda gosta de mim. Continue a orar por nós.

Naquela noite Welington se sentiu muito bem. Dobrou os joelhos e chorou. Agradeceu por Deus cumprir sua palavra na vida dele. Pediu perdão por Giovanne e Pedro não terem ido com ele. Pediu para Deus perdoar os dois, pois um dia eles iriam entender que o evangelho é mais importante do que ficar em casa e que uma chuva não é suficiente para manter um servo de Deus em casa. Um dia eles iriam entender o quanto é importante sofrer uma chuva, um pouco, em nome de Jesus.

Mas orou principalmente por aqueles quatro jovens a quem ele havia pregado no presídio. Sabia que não seria ele quem os iria convencer, mas o Espírito Santo iria convencê-los. E orou para que Deus cumprisse sua vontade. Pois um dia eles iriam se converter também.

Por fim, pediu a Deus para continuar lhe dando forças para pregar o evangelho. E que apesar do frio, da chuva e do banho que havia tomado, ele não iria desistir de proclamar Seu nome poderoso.

Não notou, mas acabou adormecendo de joelhos novamente, sonhando que um dia ele iria ver os frutos do seu trabalho.

XVII

Wellington nunca soube, mas naquela noite, a chuva continuou a cair e o frio continuou em toda a cidade.

Mas na cela 304, ao lado de onde ele esteve, um homem estava de joelhos chorando e sorrindo. Ele havia ouvido tudo o que Wellington estava falando para os outros quatro presos, mas era como se ele estivesse falando para ele.

Estava condenado a quatorze anos de prisão por estupro seguido de homicídio. E naquela noite ele iria se enforcar, mas depois de ouvir tudo aquilo que aquele jovem havia dito, nada importava mais. Ele havia se arrependido de todos os pecados que havia cometido, e, hoje ele sabia que havia um Deus que se importava com ele. Sua família havia o abandonado há muitos anos, mas Deus nunca o abandonou.

Ele chorava e sorria, de joelhos e louvando este Jesus que o jovem havia falado.

A corda que ele iria usar para se enforcar estava jogada em um canto. Ele não iria mais fazer isso.

As cadeias poderiam prender suas mãos, os cassetetes dos guardas poderiam ferir seus músculos, mas nada, no universo todo poderia prender sua alma agora. Nada no universo todo poderia separá-lo do Salvador, nada no universo todo poderia separá-lo de Jesus. Naquela noite ele havia conhecido a Salvação.

FIM

Esta é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

SOBRE O AUTOR



Rogério Cericatto nasceu em Assis Chateaubriand, no interior do Paraná em 26 de junho de 1979. Filho de um Téc. Agrícola e uma professora, estudou e trabalhou como escriturário em escritório de contabilidade durante três anos. E em períodos de dificuldade, em 1997, conheceu o amor de Cristo e Sua glória.

Tornou-se membro da Ig. Batista do Jardim Esmeralda, prometendo a si mesmo que iria contribuir para a obra de Deus de alguma forma. Foi então que se ingressou no grupo de louvor e também no teatro, onde escreveu as peças teatrais: a lesma e a joaninha, meu pai; meu amigo, o ser mãe e incrédulos, entre outras.

Em 2001 escreveu "CORAÇÃO ABANDONADO" que atualmente está na Editora Vida para análise e edição.

Atualmente se congrega na Igreja Batista do Cajuru, cursa Administração de Empresas na UNICENP e é comprador júnior em uma fábrica de assentos automotivos.

* * * * *